

INTERFACES DA OCUPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA FORMAL

Jamille Narciso dos Reis Bezerra¹

Resumo: O presente trabalho é parte da tese em andamento, meu esforço tem sido analisar as interfaces entre autores basilares do campo dos estudos de pentecostalismo e política, juntamente com a etnografia em construção. O cristianismo evangélico e sua ocupação na esfera pública são questões nos desdobramentos da pesquisa. Ao encontrar diferentes perfis de mulheres religiosas atuantes em projetos, campanhas, programas de capacitação em políticas públicas, busco compreender como a gramática dos direitos civis estão impactando a agenda política dessas mulheres. Essas narrativas e doutrinas observadas não são hegemônicas, mas são ideias distribuídas possíveis a partir de movimentos que vêm construindo um aparente agenciamento no processo de individuação nos sujeitos afetados. Para o trabalho em vigor apresentarei como o movimento de “Mulheres Conservadoras” e o movimento “Mulheres Republicanas” estão viabilizando performances com programas de capacitação e circulação de informações para a construção da sua atuação. O “cinturão pentecostal” foi a superação do modo católico de solucionar problemas e tensões, sendo criado o modelo cultural pentecostal. Sugiro que estamos presenciando outra virada, um modelo cultural próprio a partir das mulheres, com outras mulheres, para mulheres. Um “cinturão de mulheres”, onde as questões e problemas da política nacional estão sendo pensadas por mulheres de diferentes categorias, incluindo as conservadoras e evangélicas.

Palavras-chave: Política; Evangélicos; Capacitação; Mulheres conservadoras; Individuação.

Abstract: This work is part of an ongoing thesis. My effort has been to analyze the interfaces between key authors in the field of Pentecostalism and politics studies, along with the ethnography under construction. Evangelical Christianity and its occupation in the public sphere are issues in the developments of the research. By finding different profiles of religious women active in projects, campaigns, and training programs in public policies, I seek to

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-RIO (PPGCIS) e Mestra em Ciências Sociais pela UFRuralRJ (PPGCS). Integrante dos grupos de pesquisa CORRE: experimentações etnográficas em territórios urbanos e Estetipop – laboratório de pesquisa antropológica em estéticas, aprendizagens e cultura pop/popular. E-mail para contato: nrbjam@gmail.com.

understand how the grammar of civil rights is impacting the political agenda of these women. These narratives and doctrines observed are not hegemonic, but are distributed ideas made possible by movements that have been building an apparent agency in the process of individuation in the affected subjects. For the current work, I will present how the “Conservative Women's” movement and the “Republican Women's” movement are enabling performances with training programs and circulation of information for the construction of their actions. The “Pentecostal belt” was the overcoming of the Catholic way of solving problems and tensions, creating the Pentecostal cultural model. I suggest that we are witnessing another shift, a cultural model of our own, created by women, with other women, for women. A “belt of women”, where the issues and problems of national politics are being considered by women of different categories, including conservative and evangelical women.

Keywords: Politics; Evangelical; Empowerment; Conservative women; Individuation.

1. Introdução

O presente trabalho é parte do desenvolvimento da tese em andamento. Busco abordar interfaces entre alguns autores basilares e o campo etnográfico feito *online* e presencial. Participei de um grupo de *whatsapp* composto por pré-candidatas a vereadoras pelo Partido Republicano, o movimento de “Mulheres Republicanas” (chamarei de MR) que é viabilizado a partir de uma ramificação do partido. O MR vem construindo um significativo núcleo de formação e capacitação para mulheres que desejam exercer um cargo parlamentar. Neste grupo de *whatsapp* pude observar algumas dinâmicas desse processo formativo², durante os cinco meses de atividades contínuas, acompanhei ciclos de palestras, fóruns de formação, orientação de assessoria profissional, orientação para as campanhas das candidatas (inicialmente o grupo era formado por pré-candidatas, no meio de setembro suas candidaturas se tornaram oficiais), entre outros assuntos afins.

Selecionei para trazer como recorte neste trabalho outra face do campo, um evento presencial, o “Encontro Mulheres Republicanas, Rio de Janeiro”, outras edições desse encontro ocorreram nas demais regiões do país – exemplo: “Encontro Mulheres Republicanas, São Paulo” e afins. No momento que se deu este evento as candidaturas estavam em vigor e o encontro proporcionou um momento de unir forças políticas de modo estratégico. Faltavam

² Explorei parte deste trabalho etnográfico no paper do 48º Encontro anual ANPOCS, que pode ser encontrado no link: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9923/version/10483>.

aproximadamente 10 dias para as eleições municipais e as candidatas à câmara dos vereadores do Estado do Rio de Janeiro se encontraram com autoridades consagradas do partido. Os meios de coleta dos dados dessa pesquisa traduzem o modelo de construção das vivências que o campo observado tem dominado. Entre os espaços virtuais e encontros políticos, coletividades são moldadas e expressam sua potência organizacional. É no universo digital que novas narrativas e abordagens vêm se fortalecendo, consolidando a cada versão uma nova forma de pertencer ao espaço público. São nos encontros presenciais que os relacionamentos se fortalecem e são forjadas as produções de conteúdo para retroalimentar a sociabilidade midiaticizada. Carly Machado (2020) nos convida a compreender a articulação entre “projetos religiosos e produções midiáticas, com questões que se colocam a partir de regimes territoriais e práticas de governança nas periferias urbanas”, para assim pensarmos a potência das discussões sobre o Brasil contemporâneo e os processos de continuidades e rupturas políticas.

É fundamental, ainda, e por isso, integrar cada vez mais o debate sobre religião, mídias e mediações, éticas e estéticas, às discussões sobre projetos de poder, e suas dimensões políticas, econômicas e culturais (MACHADO, 2020).

2. Apresentando o campo (parte dele):

No dia 27 de setembro de 2024 ocorreu a edição do “Encontro Mulheres Republicanas, Rio de Janeiro”. Um evento sediado no hotel Premier em Copacabana, Zona Sul, que teve por objetivo receber as candidatas vereadoras para um momento de impulsionamento na reta final da campanha e um espaço para a produção de conteúdo midiático (vídeos, fotos, mídias no geral). Para a construção da paisagem total, se faz necessária apresentação descritiva da posição de cada autoridade política convocada para compor a cena desse encontro: Rosângela Gomes, Deputada Federal e Secretária de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro; Jucelia Bastos, conhecida como Tia Ju, Deputada Estadual, 2º Vice-Presidente da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro), Vice Presidente da Região Sudeste da UNALE (União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais), Presidente da Procuradoria Especial da Mulher na Alerj; Tânia Bastos, Vereadora; por último, não menos importante a figura principal Damare Alves, Senadora pelo Distrito Federal, ex-Ministra dos Direitos Humanos e da Família. São autoridades eleitas com um intuito de consolidar relacionamentos e promover a articulação de suas propostas em curso dos mandatos. Suas agendas de compromisso e circulação pelo país e/ou regiões estão presentes em suas falas, nas

mídias produzidas e constantemente divulgadas em suas redes sociais, ocasionalmente justificando imprevistos, atrasos ou até saídas antecipadas dos eventos. Entre pontes aéreas, fluxos contínuos e as fronteiras dos municípios vão se consolidando as tramas do cotidiano, onde conflitos, trocas e os movimentos de idas e vindas constroem o modo de fazer política dessas mulheres.

O encontro estava previsto para o início da tarde, aos poucos o espaço foi sendo tomado por distintos grupos. Entre as candidatas estiveram representantes das cidades do Rio de Janeiro, Japeri, Seropédica, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Petrópolis, São Gonçalo, Macaé, entre outras. A circulação das representantes e suas dificuldades de deslocamento para o comparecimento ao evento pôde ser constatado por alguns comentários e atrasos, desafios compreensivos que são enfrentados diariamente pela população (dificuldade do acesso, condução pública, engarrafamentos, falta de alternativas...) e esses elementos foram acionados por duas autoridades como uma dinâmica comum ao modo de desbravar as fronteiras do fazer e pensar política urbana. Se uma candidata não consegue lidar com a dificuldade de se deslocar da sua cidade para um evento específico, como fará deslocamentos contínuos entre cidades, de Estados, entre Estados e afins? Cada uma das autoridades compôs a rodada com falas entusiastas frente à reta final que se aproximara, compartilhando desafios pessoais e sugerindo estratégias para conquistar os votos necessários. As parlamentares presentes são conhecidas por estarem envolvidas ou serem autoras de projetos e campanhas que protagonizam a defesa das crianças, das mulheres, idosos e vulneráveis, esses temas foram colocados como pautas estratégicas para as propostas das candidatas. O encontro contou com dimensões de conexão entre as margens, as diferentes regiões, classe, raça e gênero.

Dameres, com sua persona carismática, enfatizou a importância de as mulheres estarem cada vez mais capacitadas para ocuparem os cargos eletivos, afirmando que o MR está construindo um exército de mulheres que vão atuar na base da política nacional, nas cidades. Falou sobre a importância dos temas que devem ser tratados como prioritários para as demandas de suas futuras candidaturas. Dameres orientou as candidatas a se espelharem no modelo de combate, por ser necessário para o cenário atual o enfrentamento das vulnerabilidades dos idosos, crianças, mulheres, afins. Ofereceu o levantamento de números, com dados quantitativos dos casos de pedofilia, apresentou o projeto de lei que está em andamento que pretende vetar a candidatura e a posse em concursos públicos de homens fichados com o crime de abuso sexual infantil e pedofilia. Nesse mesmo espaço foi reforçada a importância da proposta de defesa das mães atípicas, acionando o apoio psicológico continuado, bem como o

cuidado nas demandas das crianças autistas. Tendo sido mencionado a falta de especialistas neuropediátricos nas redes de saúde pública para atender e acompanhar essas crianças em suas especificidades atípicas. Damares alertou as candidatas para se instrumentalizarem nos debates que competem “ao universo masculino” também, como economia e segurança pública, afirmando que a função das vereadoras é cobrar e estarem atentas às mais diversas temáticas que circundam as dinâmicas de funcionamento da gestão municipal.

Esse assunto é um tema do artigo publicado no jornal Carta Capital de autoria da Magali Cunha, no artigo “O impacto das identidades religiosas nas eleições municipais e como superar intolerâncias”³, a autora chama de “nacionalização das municipais” o aumento da importância das eleições municipais, onde a extrema direita e a esquerda têm agido como uma espécie de “prévia” das eleições nacionais.

A conquista de prefeituras e vagas das câmaras das capitais e grandes cidades tornou-se um passo estratégico para ocupar governos estaduais, o Congresso e, eventualmente, a presidência. Esse cenário leva candidatos da extrema-direita, que utilizam a religião em suas campanhas, a evitar a discussão de temas relevantes para as cidades – como infraestrutura urbana, saúde, educação e transporte público... Em vez disso, esses candidatos mantêm uma estratégia de captação de apoio eleitoral baseada em assuntos que geram controvérsia, debate e apelo às emoções religiosas. Como resultado, temas que não estão sob o poder de decisão de prefeitos e vereadores, como aborto, pedofilia, direitos LGBTQIA+, armamentismo, punição a criminosos, ideologia na educação pública, relações internacionais, entre outros, acabam ganhando mais espaço nas campanhas desses candidatos. Isso ocorre em detrimento das questões que realmente importam aos eleitores na hora de decidir seu voto (ISER, 2024).

Como a matéria citada e a citação em destaque, pode-se observar como algumas estratégias aparecem como articulação de campanha, que ocupam um espaço no discurso e nas mídias, porém, não necessariamente aparecem nas atuações parlamentares.

Entre as candidatas que tive a oportunidade de conversar naquela tarde, algumas se destacaram por suas trajetórias singelas. Leia de Seropédica, mulher negra, 40 +, estava em busca do segundo mandato à vereadora e atualmente filiada ao Partido Liberal. No início do seu primeiro mandato era filiada ao Partido Republicanos, porém por motivos de conflitos no seu município precisou migrar para o partido aliado local e assim obteve o apoio do candidato eleito da prefeitura, hoje ela continua sua caminhada política com uma relação amigável com o Republicanos. A partir de um encontro informal, uma ida ao banheiro promoveu um início de conversa ao acaso. Entre suspiros aleatórios sem buscar diretamente uma resposta, Leia

³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-impacto-das-identidades-religiosas-nas-eleicoes-municipais-e-como-superar-intolerancias/>. Acessado em 15 de outubro de 2024.

desabafou que sua roupa estava larga, minha reação foi um burburinho em forma de uma risada. Logo em seguida ela comemorou a possível perda de algumas gramas. Daí perguntei se as caminhadas da campanha estavam trazendo esse efeito. A partir daí a conversa fluiu, falamos sobre as andanças dela pela sua cidade, sobre os encontros nas casas dos amigos e reuniões. Leia abordou um pouco de como estava sendo sua corrida de campanha nas últimas semanas. Em continuidade, perguntei⁴ sobre o antigo prefeito que estava inelegível, Leia contou como se deu a virada da situação eleitoral do tal candidato e como se deu a então validação da candidatura dele. Também falou sobre perseguições e violências, ele havia sofrido um atentado, foi uma candidata diretamente perseguida e ameaçada por um grupo portando armas de fogo. Sem mais detalhes cabíveis de serem compartilhados neste espaço, porém sabemos que esse tipo de relato e vivência são realidades em diferentes regiões. Lamentavelmente, seguimos conversando sobre os ocorridos na sua cidade e em outras cidades vizinhas.

Tive a oportunidade de conhecer outra candidata, essa foi por indicação. Minha entrada neste evento se deu por mediação, consegui o contato da jornalista do MR e ela me permitiu acesso ao encontro, que seria no formato fechado, apenas com convites direcionados as candidatas elegíveis ou vinculadas ao partido. Assim, a jornalista Monica voltou o meu olhar para a trajetória de vida da candidata Rebeca. Rebeca é residente de Ricardo de Albuquerque, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, em sua localidade desenvolve projetos sociais de empoderamento empresarial e autonomia das mulheres. Ao me reportar a candidata, de forma receptiva me contou um pouco da sua história como se fosse uma entrevista, com falas diretas, firmes e um certo entusiasmo. Filha de uma trabalhadora de serviços gerais na ALERJ, desde os seus 10 anos frequentou o palácio e cultivou o sonho de ocupar uma cadeira como representante da sociedade civil. Conversei com mais algumas candidatas; professora, enfermeira, pastora, líder comunitária, diversas personagens compondo a cena que projeta o tal exército de mulheres que a senadora vem idealizando.

Ao selecionar e apresentar parte das experiências obtidas nesse espaço, compartilho essa paisagem que vem sendo elaborada sob a amarração de vivências. São sujeitos políticos pensando e construindo modos de fazer política. Em cada fala é alastrado um tom de esperança em forma de expectativa, cada ação e projeto ali engendrado ou em execução, são modos de atuação e projeção de mudanças. Os desejos de se construir algo novo, melhor, digno, seguro, os aforismos de um futuro diferente movem e unem essas tantas mulheres que afirmam terem

⁴ Morei em Seropédica entre 2011 e 2017, período em que cursei minha graduação e mestrado na UFRRJ. Assim, possuo conhecimento de alguns cenários e tramas políticas da localidade.

encontrado nesse lugar do MR uma forma de operar. É com essa paisagem e seus elementos que busco compreender a implicação que vem causando efeito nessas trajetórias.

Ao final do encontro, um *banner* com identificação do partido e do MR encontrava-se posicionado no salão de entrada, estava disponível um *coffee break* em uma grande mesa e todos presentes se dividiram entre a fila para gravar vídeos e a fila para as guloseimas. Damares foi o foco desse momento de produção de conteúdo, ela se posicionou em frente ao *banner* e as candidatas que se concentravam na fila para gravar os vídeos se revezavam entre fotos e filmagens. Damares abraçou, conversou, posou e se doou. Numa performance dinâmica de escuta ativa, ela ouvia um resumo da trajetória da candidata e em seguida dava o sinal para a gravação seguir, assim, apresentava a candidata e juntas declamavam o número para ser redigido nas urnas, finalizando com: “Vem com a gente!”. Durante os dias que se seguiram ao evento, pude acompanhar nas redes sociais a circulação dos conteúdos que foram produzidos naquele evento. Muitos daqueles vídeos pude observar serem produzidos de perto e admito ter ficado impressionada com toda a dinâmica de produção. Entre as idas a campo, o acompanhamento das atividades virtuais e conteúdo que circulam, me ocupo em observar e analisar o que considero pertinente para a compor as nuances dessas paisagens que vão sendo formadas. Entre um anúncio de campanhas e vídeos do giro das candidatas na semana das eleições, foi divulgado no *story* do perfil do Instagram do movimento “Mulheres Republicanas” um episódio de podcast que teria sua transmissão ao vivo. Essa atividade entrou no radar e foi agendada.

O que fora anunciado é que no dia seguinte das eleições municipais seria apresentado no canal do Youtube Republicanos o RepubliCast, um episódio sobre o balanço das eleições 2024⁵. No dia e horário, ao conectar-me com a transmissão, pude presenciar mais um processo de construção de uma narrativa otimista das ações e feitos do partido. “Com um aumento expressivo de ocupação das cadeiras legislativas, o Brasil segue uma guinada para a centro-direita.” Foram algumas das afirmações feitas pelo cientista político Valdir Pucci, diretor da Faculdade Republicanos. Contemplando os valores do partido, seguindo juntamente com projeção a nível nacional, os convidados do programa comemoravam cada vitória renovada ou alcançada pela primeira vez. Alguns setores da sociedade civil organizada questionam esse cenário e afirmam que existe uma crise de representação política em curso. Na altura do processo que estamos vivendo, é preciso ter clareza ao se questionar: crise para quem? Os

⁵ Disponível em: <https://republicanos10.org.br/eleicoes-2024/republicast-faz-balanco-das-eleicoes-2024/>. Acessado em 10 de novembro de 2024.

setores conservadores estão construindo uma estrutura de engajamento e articulação que os resultados mostram o êxito. O PR cresceu em termos de filiação, sua representatividade e aposta pode ser observada pelos números de adesão e candidaturas registradas. E com o resultado das eleições, pode-se afirmar o vertiginoso crescimento em representação dos eleitos: 429 prefeitos(as), 433 vice-prefeitos(as), 4629 vereadores, contabilizando um total de 5491 eleitos. A partir das análises feitas por especialistas do próprio partido, um crescimento de 111% da última eleição municipal.

Dando continuidade ao mapeamento das articulações e mobilizações no universo *online*, apresento o movimento “Mulheres Conservadoras”. Movimento esse que apareceu relevante ser trazido para o foco da análise por ter uma composição bem específica: Michelle Bolsonaro e Damares Alves são as fundadoras. O MC foi lançado em setembro de 2024, e está sendo mobilizado de maneira virtual (existe projeção de um encontro presencial, mas ainda não ocorreu). A partir de uma idealização nacional, o movimento se afirma diante de alguns pilares, tendo por missão determinados princípios e valores que são declarados: a defesa da vida desde a concepção até a morte natural; a defesa da família natural; a defesa da infância protegida da erotização e da doutrinação progressista nas escolas; a defesa da liberdade individual; a defesa da propriedade privada; a defesa da equidade e justiça para todos; a defesa da economia livre e a prosperidade; a defesa do estado mínimo. No vídeo de lançamento Michelle e Damares apresentaram os princípios e afirmaram “que o movimento visa construir estratégias para as mulheres se encontrarem em volta de um projeto que busca proteger os direitos das mulheres”. Pode ser encontrado no perfil do Instagram a circulação de vídeos com conteúdo diversificados sobre os temas como de saúde pública⁶, aborto, preservação da vida, críticas à “ideologia de gênero”, divulgação de projeto de lei para responsabilizar o Estado para disponibilizar toda assistência pré-natal quando um estupro resultar em gravidez, orientações bíblicas, divulgação de datas incluídas como importantes para o movimento; dia da dona de casa, dia da valorização da família, dia da instituição do voto feminino, dia do nascituro, enfim, conteúdos que demarcam um posicionamento específico conservador e mantenedor das tradições cristãs.

Esses movimentos são apresentados como uma alternativa, ao analisar seus conteúdos e abordagens pode-se compreender que sua mobilização bem como suas estratégias estão sendo viabilizadas para a construção e consolidação de um engajamento de mulheres que almejam a tradição e o conservadorismo moral.

⁶ Vídeo apresenta argumentos que sustentam a ideia contrária do aborto ser uma questão de saúde pública. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAw1N71pQn-/>. Acessado 10 de novembro de 2024.

3. Religião pública e a política do cotidiano:

A viabilização da ocupação do cristianismo evangélico na esfera pública é uma questão que está sendo explorada nos desdobramentos da pesquisa em andamento. Mais precisamente as mulheres evangélicas e sua ocupação expressiva nos últimos anos, com um discurso acessível e técnico. Essas vozes ecoam através de canais midiáticos e artísticos, alcançam milhares de adeptas/fiéis dentro e fora do país, e estão cada vez mais presentes na cena da política formal. Podemos encontrar diferentes perfis de mulheres religiosas atuantes em projetos e programas de políticas públicas, e durante minha observação em campo percebi que o grupo de interlocutoras se expandia para além do que eu havia observado em análises virtuais. Inicialmente voltei o meu olhar para as mulheres evangélicas compondo o cenário nacional da política formal⁷. Porém a atuação das mulheres conservadoras na política formal vem sendo construída de maneira híbrida, o que observei inicialmente no levantamento virtual, foi sendo desmontado nos campos presenciais.

Observar os espaços de troca nos grupos do whatsapp me permitiu compreender que as lideranças estavam convocando mulheres, independente da sua origem religiosa. E o mais relevante, o que começou a ser foco desta análise pode ser lido em um formato piramidal: na ponta, primeira camada, observo as lideranças Michele Bolsonaro (PL) e Damares Alves (REPUBLICANOS), mulheres declaradamente evangélicas. Porém, nas outras camadas da pirâmide pude encontrar mulheres de diferentes grupos que demarcam sua posição na categoria da diferença: mulheres de grupos religiosos distintos, todas mulheres conservadoras, que priorizam a “preservação de um modelo tradicional de família, ligado à religião e aos papéis convencionais de gênero”, mulheres preocupadas com a segurança de ir e vir, mulheres querendo educação, saúde, mulheres almejando compor o giro da engrenagem com suas potencialidades, mulheres desejando identificação, mulheres em busca de respostas. No meio, segunda camada, se encontram as mulheres que estão se dispondo para os cargos políticos, mulheres que de alguma forma estão se especializando ou acessando um universo de conhecimento e informações que remete uma categoria de “trabalhadora da política”. Na base, terceira camada, se encontram as mulheres que estão fora desse circuito propriamente dito da

⁷ O último capítulo da minha dissertação flertou com essa questão, a pesquisa doutoral começou com a seguinte pergunta: como os direitos institucionais estão sendo vistos pelas mulheres evangélicas, nas igrejas e na política formal?

política formal, mas são as mulheres do ordinário que vivenciam outras escalas da política. A política do cotidiano, que vivenciam os impactos de todo o resultado que foi planejado ou não, toda a influência da gestão precária ou efetiva dos eleitos, que estão depositando seus votos para as campanhas que citam ou priorizam a “preservação de um modelo tradicional de família e afins”. Em todas essas distintas faces de mulheres, de algum modo, há uma conexão, um desejo em promover essa preservação de uma tradição, se voltam para transformações, mas com ressalvas, aclamam um determinado pluralismo das identidades, onde suas especificidades podem ser compreendidas, mas excluem ou se abstém das pautas das diferenças que abordam questões que abarcam o campo da moralidade, como os direitos dos LGBTQIA+. Toda essa complexidade pode ser melhor compreendida com o debate sobre o secular e o Estado (ASAD, 2010; MEYER, 2007). É a partir dessas nuances que vem sendo observadas nas diferentes camadas que uma pergunta vem sendo feita nesta pesquisa: como os direitos civis estão impactando a agenda política das mulheres conservadoras?

Historicamente as igrejas são celeiros de movimentos sociais ou ali são encontrados reflexos dos mesmos. Uma instituição que sofre influência dos fluxos em transformação, com resistências, movimentos tradicionais que flexionam as mudanças mais radicais, porém, pode-se observar tendências vivas e fluidas. É com base nessa fluidez que inclino a perspectiva dessa pesquisa, para desbravar e qualificar os desdobramentos que coincidem com os fluxos das transformações sociais que a política civil vem desenvolvendo. Os direitos civis, direitos à dignidade, à vida humana, combate às violências, direitos à equidade, combate às desigualdades, são temas universais e distintos grupos sociais vêm consolidando suas identidades e reivindicando seus direitos. Com os sujeitos religiosos não é diferente. Teólogas feministas hoje atuam dentro de suas comunidades religiosas com pautas diretamente feministas, lidam com o debate e linguagem política de forma direta. Rodas de debates, reuniões e curso de formação podem ser encontrados nas agendas de algumas igrejas em diferentes denominações. Também existem os cenários mais contidos, onde os temas e questões da agenda feminista se dissolvem no cotidiano, onde a terminologia “feminismo” nem mesmo é acionada. Estou falando das comunidades mais conservadoras, mais tradicionais, as denominações que começaram a falar de combate à violência doméstica no círculo de oração, que hoje estão com mais vozes para abordar questões sobre denunciar um abuso ou assédio. Ao falarmos sobre esses cenários, precisamos visualizar os possíveis selfies: mulheres que se encontram em vulnerabilidade socioeconômicas, mulheres que por diversas vezes deixaram de denunciar alguma violência por “orientação” da sua liderança religiosa, mulheres sem instrução e acesso as informações de como fazer uma denúncia, mulheres que vem de ciclos familiares de violência... O debate sobre a viabilidade de denunciar tais violências tem alcançado essas mulheres através das campanhas políticas (BEZERRA, 2024).

É também a partir de tradições e no cotidiano que transformações aconteceram e ainda acontecem na sociedade. A gramática dos direitos vem sendo inserida nos contextos sociais e também são instrumentalizadas de maneira estratégica pelos sujeitos que atuam direta e indiretamente com esses grupos. Entre as margens e os centros habitam diferentes dimensões

de associações sendo afetadas por dispositivos e agentes que de forma distribuída deixam seus rastros (LATOURE, 2012). Esses encontros (redes) transformam e compõem novas dimensões.

A organização desses movimentos através do mundo digital viabiliza uma transformadora esfera de agenciamento para o circuito de projeção das novas candidatas e adeptas. Mobiliza uma sociabilidade agentiva, onde os sujeitos têm determinada autonomia de desenvolver articulações (estratégia), capacitação (educacional) e planejar as ações (gestão). Os espaços físicos e virtuais de instituições religiosas já vinham acionando a consolidação de redes e sociabilidades de empoderamento das mulheres, permitindo que essa virada seja observada como reflexo nos eventos antes estritamente religiosos⁸. Hoje, as mulheres candidatas se veem como parte do processo de transformação que almejam para si e para a nação, essas ações apontam para a trajetória política como um desdobramento de alcançar autoconfiança, uma missão, o status social e poder.

O engajamento político que esse tipo de movimento vem articulando, aciona nos sujeitos um modo de vida político. É um modo de fazer política no cotidiano, são ações sociais no ordinário, é um agenciamento da maneira de habitar o bairro, a cidade, a nação. Almejando uma vida terrena com justiça e com a possibilidade de consolidar a missão do Cristo de amar ao próximo. Muitas mulheres começam sua atuação de participação em projetos de ação social a partir de atividades religiosas: campanhas, projetos, trabalhos voluntários. Mulheres ocupam esse lugar de fazer trabalho voluntário e caridade não é de hoje, mas anteriormente não se compreendia esse papel como atuação política e sim, uma ação cristã propriamente dito. Para ilustrar melhor, cito alguns trabalhos/campanhas comuns do universo institucional das igrejas: acolhimento/cuidado ao idoso com campanhas de agasalho, visitação a asilos, por vezes tem instituições que têm asilos próprios; projetos direcionados à juventude/adolescente, com escolinhas de esporte, escolas de música, escola bíblica, reforço escolar, cursos comunitários de pré-médio e pré-vestibular; campanhas de alimentação com distribuição de cestas básicas para famílias cadastradas ou não, entrega de sopa para pessoas em situação de rua; projetos de fortalecimento e aconselhamento para casais; projetos de empoderamento para mulheres; projetos com homens.

É a partir desse panorama que podemos observar que a perspectiva de moldar sujeitos aptos a enfrentar os desafios do cotidiano se encontram nas agendas de atividades das mais diversas instituições religiosas do segmento evangélico e afins. Hoje com o processo de

⁸ Na dissertação a projeção de empoderamento feminino foi analisada em eventos de formação de liderança para mulheres evangélicas.

letramento, profissionalização e aparelhamento de profissionais especializados dentro das instituições religiosas, essas ações são nomeadas no balanço anual (contabilidade) como Responsabilidade Social, são projetos veiculados diretamente ao setor de Assistência Social das instituições. Essas “ações beneficentes” também são direcionadas para as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e/ou as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e Organização Social (OS). Essas atuações estão cada vez mais evidentes ocupando os espaços públicos da vida em sociedade, mas seria superficial buscar compreender esse fenômeno com um recorte recente.

A conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da autoestima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extradomésticas e as redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina. Sinteticamente, o engajamento nesses grupos possibilita às mulheres também uma maior participação na esfera pública, com algumas pentecostais evangelizando em praças públicas, realizando trabalhos voluntários em presídios, hospitais e entidades filantrópicas, participando de programas religiosos televisivos e radiofônicos e, mais recentemente, dedicando-se à militância política em favor dos candidatos da igreja (MACHADO, 2005, p. 3).

O que a autora chama de individuação pode ser interpretado como processos de autonomização e autoridade moral. Hoje essas mulheres estão fazendo a política. Este trabalho não é sobre religião, mas sobre como o sistema religioso é composto por sujeitos que compõem essa paisagem como tal. O que venho apresentando é que a religião como instituição social possibilita o agenciamento de vidas e formas de se pensar o mundo social. E os sujeitos que ali são produzidos também estão fazendo projeções de si no ordinário da vida cidadina. Pode-se observar que todo o efeito distribuído a partir das lideranças políticas, que podemos compreender a partir do conceito de pessoa distribuída (GELL, 2018) está sendo forjado como efeito cascata. Mas não está sendo criado agora. É um movimento reativo do cenário atual, que foi sendo gerido décadas atrás.

Entre as mulheres que o campo vem explanando, apresento aqui uma auto narrativa da parlamentar Liziane Bayer que se destacou entre a navegação *online*. Se trata de uma trajetória que apresenta uma escalada da terceira para a segunda camada (fazendo alusão à analogia da escalada piramidal que apresentei na seção anterior) e aborda exatamente o que foi apresentado no parágrafo anterior. No canal do Youtube do MR, é disponibilizado uma série de episódios do Podcasts “Tome Partido”, o episódio 10 conta com a participação de Liziane Bayer, hoje suplente do Senador Mourão. Liziane já foi deputada estadual e federal, e no episódio em questão compartilhou um pouco da sua história até chegar à trajetória política. Uma mulher

religiosa e pastora evangélica, que obteve apoio e incentivo quando cogitou entrar para a política. Mas contou que por um longo tempo da sua vida não se via envolvida com a política, até afirmava que isso não era uma possibilidade, dizia que não gostava de política. Afirmava que seu trabalho era outro, que preferia se dedicar às atividades com mulheres, com jovens, com o voluntariado da igreja. A própria afirma que percebeu um propósito na política ao compreender que as atividades que estava exercendo poderiam ter continuidade ao serem projetadas a nível nacional a partir de pessoas que defendam e acreditam nas ideias ali praticadas. Para Liziane, seria necessário pessoas que representassem seus ideais na esfera política. Ao ser cogitada como uma pessoa em potencial para ocupar esse lugar, ela afirma que questionou, mas o incentivo de amigos, familiares e líderes a impulsionou.

O movimento das mulheres e o apoio entre os pares, corroboraram nos ideais sobre o fortalecimento da força da mulher vocacionada. A partir desta esfera que ela se compreendeu como possibilidade de atuar no jogo político e visualizou que em suas ações de voluntariado na igreja, já existia uma atuação política. O objetivo desse episódio foi divulgar o caso da parlamentar como inspiração, seu testemunho de vida, sua história de vida, como narrativa que ensina e inspira. A convidada reforçou o quanto o partido tem uma visão de empoderar e dar voz às muitas mulheres que desejam fazer diferença nas suas comunidades.

Para continuar a construção desse pensamento, me volto para um trabalho feito pelo Instituto de Estudos da Religião – ISER. Em 2023 o ISER lançou um dossiê “Mulheres evangélicas para além do voto: concepções sobre política e cotidiano”⁹ que analisou o engajamento das mulheres da sociedade civil e a buscou compreender como se dá a escolha dos votos. As campanhas e propostas dos candidatos que balizavam suas candidaturas com temáticas a favor da moralidade tradicional, valores cristãos e da família, consolidaram o que podemos chamar de uma tendência a favor da representação da direita. Mais precisamente me volto ao recorte do eixo analítico que aponta a igreja como espaço que possibilita a compreensão da política, trago um trecho que responde à pergunta: O que a igreja oferece, afinal?

Essa pergunta fazia parte do primeiro eixo do roteiro de entrevistas e tinha como objetivo escrutinar a importância da igreja para além do auxílio no enfrentamento de eventos críticos e do acesso a ações de assistência social, mas também como espaço que permite, entre outras coisas, a elaboração de leituras da política. Ações de assistência, inclusive, são consideradas a partir de uma abordagem que as reconhece

⁹ O dossiê se encontra nos Cadernos ISER, Religião e Política Um olhar a partir das pesquisas do ISER (2022-2023).

como importantes tanto para quem doa quanto para quem recebe. Como já indicado em outros trabalhos, a doação do tempo em atividades da igreja é um indício não apenas de prosperidade em seu sentido amplo, mas também uma forma de transformar sua fé em obras, “já que uma fé sem obras é uma fé morta”. Trata-se também, portanto, de uma ação política que tem por objetivo intervir no mundo (ISER, 2024).

O ato de fazer política é observado no desdobramento de alguns pensamentos como algo separado das ações institucionalizadas encontradas no universo cotidiano das igrejas. Tanto as entrevistadas, quanto a suplente Liziane, expõem seus modos de observar o ato de fazer política com determinado distanciamento com os projetos que já tinham contato e atuavam no seu cotidiano. Partindo do pressuposto que esse modo de enxergar tal ponto seja comum a muitas outras mulheres, pode-se supor que esse diagnóstico aponte a um denominador comum: mulheres religiosas fazem política informal há muito mais tempo, porém, a ocupação de tal posição está sendo compreendida como “fazer política formal” no cenário mais recente. “Mulher, tome partido”¹⁰ do Republicanos, é uma das campanhas de mobilização e empoderamento para que tal ação obtenha um engajamento em escala.

O testemunho como potencial pedagógico é um subtítulo do trabalho já mencionado do ISER. É através das narrativas de si, dos processos de superação, da afirmação dos múltiplos papéis sociais que se valoriza uma história de vida e essa narrativa se torna um exemplo a ser seguido e admirado. Michelle Bolsonaro, “primeira-dama dedicada, mãe, esposa, crente, mulher que nasceu em região periférica, de família desajustada, que engravidou e teve que enfrentar sozinha a criação da primeira filha.” Para além dessa parte da trajetória, ela é a “esposa dedicada, comprometida não apenas com a família, mas também com a missão assumida pelo marido – a de governar a nação”. Ela não só representa as mulheres evangélicas, ela é uma delas. Michelle está se tornando o rosto que representa a mulher conservadora.

De acordo com o antropólogo Evandro Bonfim (2016), os modelos de evangelização inscritos na memória discursiva bíblica e das religiões cristãs definiram uma tipologia do testemunho dentre as quais estão o exemplo, dentro da tradição católica, e dos relatos pessoais acerca da conversão e da vivência dos milagres, hoje relacionados com as denominações pentecostais. Os testemunhos produzidos por Michelle em suas falas públicas combinam a construção de uma narrativa biográfica com exemplos, inscrevendo-se naquilo que Dullo e Duarte (2016) chama de potencial pedagógico do testemunho.

O testemunho de si certamente é uma tecnologia mais praticada entre as denominações cristãs de tradição protestante. Trata-se de um relato de vida cujo recorte temporal escolhido pelo relator costuma ser uma experiência cristã de conversão. A filósofa Judith Butler (2015) discorre acerca da produção de sujeitos a partir da construção de

¹⁰ Disponível em: <https://republicanos10.org.br/mulheres-republicanas/campanha-mulher-tome-partido-uma-iniciativa-para-fortalecer-a-voz-feminina-na-politica/>. Acessado em 10 de novembro de 2024.

narrativas pessoais, articulando a uma produção filosófica sobre o conceito de violência (pensado por filósofos como Adorno, Arendt, Nietzsche e Hegel). O primeiro desafio lançado por Butler consiste em olhar para os relatos pessoais não como a verdade de uma existência, mas a partir da ideia de que as histórias são efeitos de discursos, algo que se assemelha muito à noção de “efeito de verdade” de Foucault. Disso emerge a ideia de que toda a história de um “eu” é também a história de uma relação (Butler, 2015, p. 18). Tal suposição nos permite pensar o testemunho como uma tecnologia produtora de sujeitos reflexivos e que os sujeitos se produzem e são produzidos no ato público da narrativa (ISER, 2023).

Os testemunhos como capacidade pedagógica, produzem os sujeitos que testemunham. É a partir da narrativa pública dos líderes religiosos que se alcança uma identificação com as dificuldades, o sofrimento, a redenção. Podemos a lente dessa perspectiva para essas duas lideranças políticas, que pontuo que estão ocupando a primeira camada da pirâmide, que também ocupam a posição de lideranças religiosas, que usam desse mesmo recurso do testemunho com uma função pedagógica, onde o efeito no mundo produz o corpo capacitado a falar sobre si.

4. Considerações finais

Longe de esgotar o debate, mas visando finalizar o trabalho, me volto para as considerações finais. Busquei apresentar parte do campo etnográfico que vem sendo observado, o que foi apresentado neste recorte foi um desdobramento dos temas que apareceram no evento citado que participei. Há outras nuances e questões que estão sendo abordadas, mas que não couberam neste espaço. Dito isto, é de suma importância ponderar que o campo vem tratando de temas pertinentes ao mundo da vida. É no cotidiano das fronteiras físicas, fronteiras regionais e fronteiras ideológicas que se disputam as narrativas e os corpos que personificam as representações. É a partir de distintos modos de fazer política que as políticas públicas vêm sendo pensadas. Os direitos universais e direitos civis estão sendo compreendidos por grupos que vêm construindo suas agendas e identidades diante das suas necessidades. É preciso estarmos atentos aos ruídos para compreender o que o campo nos diz a respeito de conceitos e termos disseminados de maneira irresponsável e reducionista, um “antifeminismo” tem aparecido como forma de questionar ações de grupos feministas específicos, esse ponto precisa de um olhar atento para abranger as nuances que perpassam essa disputa. O que venho encontrando dentro do campo é o uso dos recursos e conquistas obtidos que o movimento social vem consolidando nos últimos séculos. A multiplicidade de mulheres na esfera pública da política formal é uma resposta direta de todo acúmulo de ações que o movimento feminista vem

construindo, a diversidade ideológica é fruto da pluralidade cultural e política que o sistema democrático nos propõe. O esforço aqui é trazer para o debate acadêmico mais uma dinâmica que a representatividade democrática nos permite vivenciar enquanto nação. As formas de governanças e governos da população são como dispositivos de ordenamento, que disciplinam e organizam a sociedade.

Não é apenas a magnitude desse trânsito religioso que importa, mas seu simbolismo: pretos e pardos pobres convertidos ao protestantismo ascendem socialmente e ocupam o espaço de brancos de herança católica, inclusive se fazendo presentes dentro do Estado. Isso está acontecendo de maneira pacífica, na nona maior economia do mundo, em um país de dimensões continentais com 220 milhões de habitantes. A relevância do fenômeno é amplificada pelo desconhecimento que as elites pensantes do país têm em relação ao cristianismo evangélico – apesar de rica e extensa literatura acadêmica produzida nas últimas décadas sobre o assunto. (SPYER, 2022, p. 22)

Entre os eixos apresentados, o que busco é rastrear as associações para assim descrever como as redes vão se formando, a rede como método (LATOUR, 2012) nos capacita a analisar os efeitos de uma maneira inovadora. Os conservadorismos têm se mostrado cada vez mais plurais, para além de voltarmos nossa atenção à essa caracterização, é nessa onda que uma diversidade de expressões tem se apresentado como grupos e movimentos que precisam ser analisados.

Referências:

- BEZERRA, Jamille. *Profetizando às mulheres: mídia gospel, gênero e política*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.
- BEZERRA, Jamille. "Políticas públicas e as mulheres evangélicas na política". *SciELO Preprints*, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9923>. Acesso em: 4 set. 2025.
- CAMPANELLA, Bruno; MARTINELI, Fernanda. "Antropologia da mídia: novas possibilidades de campo". In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. *Anais...* Belém: ABA, 2010.
- FERGUSON, Rachael-Heath. "Offline 'stranger' and online lurker: methods for an ethnography of illicit transactions on the darknet". *Qualitative Research*, v. 17, n. 6, p. 683-69, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>. Acesso em: 4 set. 2025

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador; Bauru: Edufba; Edusc, 2012.

MACHADO, Carly Barboza. "Fazendo política em outros congressos: tramas religiosas e práticas midiáticas e a estética da política nas periferias urbanas do Rio de Janeiro". *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 38, p. 19-59, 2020.

MACHADO, Maria das Dores; BURITY, Joanildo. "A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos". *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014.

MACHADO, Maria das Dores Campos. "Gênero, religião e política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro". *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p. 125-148, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. "Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MIZRAHI, Mylene. "A agência de Alfred Gell: exúvias e efeitos no mundo das artes". *Proa – Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 314-322, 2019.

MONTERO, Paula. "'Religiões públicas' ou religiões na esfera pública?" *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 128-150, 2016.

MONTERO, Paula. "Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.

MONTERO, Paula. "Multiculturalismo, identidades discursivas e espaço público". *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 81-101, 2002.

PINTO, Céli. "Feminismo, história e poder". *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINTO, Céli. "Paradoxos da participação política da mulher no Brasil". *Revista USP*, São Paulo, n. 49, p. 98-112, 2001.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2022.